



## A ESCUTA DO TEMPO

Norte Comum <sup>[1]</sup>



Avenida Brasil

Para a escrita de *Imaginários*, partimos das narrativas de percurso, misturando passado, presente e futuro, compondo um mosaico com fragmentos de um imaginário de cidade que tem a Avenida Brasil como artéria poética dos nossos corações. Fluímos como água pelos rios que vivemos, pois é isso que fazemos: andamos com os pés, e sobre trilhos e rodas, subimos passarelas. Nossa memória é a única coisa que resiste a tantas demolições.

Entre os incontáveis fragmentos de pensamento que invadem nossas cabeças a todo segundo, existem espaços, hiatos. Esses momentos de reflexão usados para montar as ideias ficam bem evidentes quando usamos a oralidade como dispositivo de comunicação. Uma fala... um espaço... uma palavra... outro intervalo... uma frase. E por mais extensos que sejam, esses intervalos raramente são suficientemente longos para o comunicador que vive a narrativa em outros dispositivos além da oralidade. Uma foto, graffiti, texto, um batuque. Dispositivos que preenchem o espaço.

Escolhemos viver a cidade das pessoas. É a partir delas que construímos nosso caminho. Nesses percursos encontramos o Simas. Em um desses encontros, no Bode Cheiroso — boteco na Tijuca com o melhor chá de macaco desse país — decidimos percorrer bares e praças do subúrbio para pensar a história dessa cidade. Entre chás, cervejas, ovos coloridos e sanduíches de pernil, conversamos sobre nosso trauma com a escola e ele sobre o seu com a academia. Falamos da urgência de romper esses muros, deixar todos eles bem baixinhos, de modo que se possa fazer uso das estruturas sem necessariamente ser usado por elas. Simas lembrou de Milton Santos e a experiência de aprendizagem a partir da escassez. No subúrbio o novo já nasce velho. Estácio, Tijuca, Vila Mimosa, Penha, Méier, Quintino, Honório Gurgel, Olaria e Engenho de Dentro. Fomos em algumas das nascentes de todos esses Rios que nos banham todos os dias. Rio que nunca é o mesmo e que jamais será um só. Quando *O Globo* fala que “vale a pena atravessar o túnel para...” e aborda esses lugares apenas através da violência, apoiando o estigma que ele mesmo ajudou a construir, ele mata a maior parte da memória da cidade.

É de extrema urgência que se diversifiquem as narrativas sobre o Rio de Janeiro, mas é ainda mais urgente que se mudem os autores dessas narrativas. Nem as Helenas, nem os Zé Pequenos, nem os Nascimentos e muito menos o Leblon dão mais conta da representação que se faz de quem mora por aqui. Trabalhamos a partir da escuta, justamente porque se acabaram as referências. Bibliografia para a nossa galera é a própria vida, e tudo o que nela pulsa. Quem se propõe a ouvir não precisa reduzir as formas de viver. Saber de onde a gente vem para saber para onde a gente vai. “Quando os caminhos se confundem, é necessário voltar ao começo/ não sabe pra onde ir? tem que voltar pro começo/ pra não perder o rumo, não pode esquecer do começo.” Se fosse apenas uma justificativa para nos encontrarmos e bebermos umas cu de foca, como diz o Simas, já prestaria o seu importante papel. O Norte Comum nasce (se recria) na necessidade de se encontrar e registrar a cidade dessas pessoas, para não deixar que as narrativas fundamentais para a história do Rio de Janeiro caiam no precipício do esquecimento que a cidade reserva para suas memórias que apontam a injustiça de sua formação. Debaxo dos novos museus e trilhos do amanhã, existem trilhos e ossos fundadores — fundamentais dos nossos passados esquecidos.

E o que mais fizemos nesse tempo foi conhecer pessoas e lugares: escutar, fazer amizades. Olhos nos olhos. Ter encontrado e escutado toda essa gente é definidor no que entendemos por Norte Comum hoje. Toda memória tem poder de transformação. É necessário que adotemos cada vez mais a cultura da escuta dessas memórias. Quem sabe assim, um dia, o Rio possa trazer em suas estátuas, bustos, nomes de ruas e monumentos públicos as caras dessas pessoas, que doaram seu sangue e seu suor como tinta para a mesma minoria de sempre escrever sua história.



Imaginários  
toda criança ama andar de ônibus.

## 1

Sentar de manhã cedo no banco da Estação Central do Brasil e observar o vai e vem do trilho é como estar na beira da praia em dia de mar revolto. Todos os trens chegam lotados e as pessoas saem deles apressadas. Cada desembarque é uma onda violenta que vai levando tudo que se põe no caminho. Os ramais são as nascentes, que foram formadas lá atrás, quando uma tempestade de muita gente foi caindo sobre cada um desses lugares e essas pessoas foram penetrando em cada espacinho que tinha e dando origem a um grande lençol chamado subúrbio. Deodoro, Paracambi, Santa Cruz, Japeri, Belford Roxo, Saracuruna, Guapimirim e Vila Inhomirim. Um subúrbio forjado com muita remoção. Higienização maquiada de progresso. Reforma Urbana. Todos os dias, de diversos cantos desse grande lençol, imensos cardume de peixes são levados por uma forte correnteza. Cada estação um rio afluente, Triagem, São Francisco Xavier, Méier, Jacaré, e o corpo d'água sob os trilhos vai inchando até quase vazar, peixes-humanos, que aprenderam a respirar mesmo no aperto do ar. O mar só é salgado porque, há mais tempo que se pode contar, todos os dias, todos os rios desembocam em sua vastidão azul. Assim como o centro da cidade só pulsa porque os subúrbios da cidade e suas gentes desembocam nele. É aí que começa a nossa viagem. Vamos no trem contra essa correnteza, indo em direção à nascente. Também somos peixes, dos que nadam contra a maré para desovar. Nesse mesmo fluxo damos vida às nossas criações. Saber de onde a gente vem, para saber para onde a gente vai. O mar, das fotos em finais de tarde de ressaca, entrando nos rios. O retorno pra casa da gente que o salga, e o (re)fluxo do rio é em direção à nascente. Na nossa viagem o subúrbio é o centro.

Sempre pensei no trem como uma imensidão. Lembro que a primeira vez que andei foi com meu pai, que trabalhou durante vários anos na antiga Companhia Brasileira de Trens Urbanos. Embarcamos na estação da Penha Circular e fomos até a Central. No caminho ele foi me contando sobre os bairros e as estações, o que cada um dos equipamentos do trilho fazia para conduzir o sentido que o trem deveria pegar para não bater de frente com o outro. Fiquei curioso porque se o caminho já estava traçado, o motorista fazia o quê? Foi quando ele me levou até a cabine do maquinista. Nossa! Acho que é uma das memórias mais antigas que eu tenho, junto com o título do Flamengo de 1992 e a queda da arquibancada da Raça. Depois de velho eu li uma poesia do Galeano que na hora me veio aquele dia na cabeça. Falava da história de um filho que nunca havia visto o mar, e quando dava de frente com a imensidão do oceano, virava pro pai e falava: Me ajuda a olhar! Sempre cresci ouvindo as histórias onde o meu pai contava o quanto era perigoso o trabalho dele, dizia que qualquer mole morria ele e a maioria das pessoas que trabalhavam de verdade na cidade: Transporte de trabalhador é o Trem! — ele falava com aquele jeito de sindicalista das antigas. Eu cresci ouvindo meu pai e minha mãe falando do quanto o patrão deles era filha da

puta e como quanto mais duro se trabalhava, menos valor se tinha — Por isso que tu tem que estudar, fazer faculdade, buscar estabilidade!

Último vagão. Olhos, ouvidos e todo o corpo atento. Encostado no fundo vejo tudo como um palco de teatro. Todo mundo é ator. Trabalhar de 10 a 12 horas por dia, contando o tempo lento do trânsito na cidade, e ainda encontrar alegria e inventividade para construir um cotidiano que sobrevive a tanta opressão é pura arte. As janelas são como telas de cinema. É como se o trem fosse invadido por um filme sobre o Rio de Janeiro, construído por seus moradores em 24 histórias de resiliência por segundo. Viajar de trem para o subúrbio é como ter acesso ao material bruto desse filme, que é dirigido e editado pelas mesmas cabeças há 450 anos. Os cortes escolhidos não dão conta da complexidade da experiência de viver o Rio, e reduzem as formas de vida de quem mora na cidade. Imagino a reação de quem só conhece o Rio a partir dessas imagens de sempre, como das milionárias campanhas publicitárias da prefeitura, ao andarem pelos ramais de Trem. O susto deve ser parecido com o que levaram os espectadores de um dos primeiros filmes da história, “A chegada de um trem na estação”, dos irmãos Lumière. Dizem que os que assistiram pela primeira vez aquelas imagens, chegaram a acreditar que o trem invadiria a sala de exibição, atropelando toda a plateia. A multiplicidade das vozes nos vagões é uma das principais ameaças ao projeto de cidade vendido pela Prefeitura do Rio, que no ano anterior às Olimpíadas gastou mais de 130 milhões em publicidade.

A trilha sonora é só sucesso. Mais uma vez você mudou, e a gente não se fala mais, da outra vez, você jurou, que o que passou ficou pra trás, eu avisei que era melhor esquecer e só viver em paz. Cadê você? Que deu um nó, cria os sonhos e depois desfaz. Não vem que não tem, não vem que não tem, quem quer comprar barato compra com o Gordão do Trem! O baile segue na rádio vagão. Dia de semana é tenso, pra tu vim com essas besteira, pega a visão, fim de semana é safadeza, aproveita que a mamadeira ta cheia. Projeto Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida. Drogas nunca mais. Vidro fumê, enrolando vários beck, som no último volume, escutando Filipe Ret, do jeito que ela gosta, hoje eu tô marrento demais, os menor é sagaz é o que te satisfaz, várias danadinha no contatinho do pai. Extra! “Enfim uma boa notícia. Conta de Luz vai ficar mais baixa mês que vêm”. Me olha direito, me pega com jeito que eu vou gostar, me beija sem medo, com calma e desejo que eu vou gamar, seja cavalheiro, pensa em mim primeiro, senão vai me assustar, não me chame pra cama, me chame pra festa, talvez um jantar. Te ensinei certinho, te ensinei certinho, hoje tu tira onda porque eu te ensinei certinho. Super Cola só vai pagar 1 real agora! Rasgou, descolou, soltou, Super Cola funcionou!

*Centenas vão sentados, milhares vão em pé.* O trem nem bem começou a andar e essa frase pichada em um muro dentro da Estação da Central do Brasil invade o vagão. Os milhares de pichadores que espalham suas tipografias pela cidade tatuaram a maioria das estações de trem do Rio. Já ouvi muitas histórias dessas madrugadas de bombardeio como eles chamam. Nunca pichei. Na verdade já até caguei uns muros na vida, mas nunca tive o hábito de colocar nome. Nem nunca tive um nome. O que eu mais absorvi da cultura do xarpi é a gualin do riotracon. Um doriope da nhami davi valafa dotu riotracon. Minha mãe ficava louca. Falava que era coisa de maconheiro. Também não entendia como eu podia ficar feliz por perceber que tinha um nome novo no muro lá de casa, que era metade feito de pedrinhas eternas, daquelas que não tem como pintar por cima do nome. Sempre pirei em imaginar como que os caras faziam para conseguir chegar em alguns beirais. Subir em um muro fininho, passar pendurado para o parapeito de uma janela um pouco mais baixa do que o alvo pretendido, até conseguir, depois de ter escalado a grade da janela, chegar no beiral mas alto. Luz, Câmera, Pichação! Um amigo lá da Penha que pixa Nobã costuma dizer que a pichação e o graffiti são a história escrita nas ruas. Acho que essa pode ser a materialização da diferença entre a pichação e o graffiti no Rio nos dias de hoje. Vejo uns amigos que já conseguem viver de graffiti e enquanto, para as políticas culturais e para todo o imaginário da cidade, é possível viver e conviver com o graffiti, a pichação e os pichadores continuam perseguidos, e perseguindo a sobrevivência. Talvez a pichação e os pichadores causem tanta revolta por seu modo de fazer questionar o tempo todo a propriedade. Além dos muros das casas, tem o domínio de uma tipografia que a maioria da sociedade não consegue decifrar. A história do Rio é marcada pela sua dificuldade em conviver com o que não consegue compreender. É assim desde o extermínio dos povos indígenas até a época em que foi o principal destino de pessoas escravizadas na história da humanidade — quando seus portos receberam o maior número de africanos escravizados durante a diáspora. Essa história continua sendo escrita com o sangue da juventude preta e favelada, que insiste em reagir a tantos anos de violência sofrida, utilizando seus corpos como forma de expressão. Tráfico de drogas, arrastão, baile de corredor, pichação, saidinha de banco, bater carteira... Maioria preta e pobre. Uma população carcerária que cresceu mais de 160% em 15 anos. Maioria preta e pobre. Personagens inclusos no repertório a ser apagado da memória da cidade

Eu tenho CD e tenho DVD, cabem muito mais porque as músicas são em MP3. Aqui você vai levar mais de 2 mil cópias de verdade. É em pasta, gente, pelo amor de Deus é em pasta! Você vai colocar no seu DVD e ele vai abrir igualzinho tá aqui. Pagode, funk, forró, sertanejo, pop, rock, tudo misturado. Aqui você vai levar Imaginasamba, Nosso Sentimento, Sorriso Maroto, Thiaguinho, Péricles, MC Smith e Carol, Zeca Pagodinho, Alcione, MC TH, Ludmilla... Vou sair na Globo? Se sair eu vou cantar meu rap aqui da mercadoria. Tem que ficar famoso, irmão, de alguma forma. Tá difícil. A vida de camelô é choque de ordem! Vai vendo...

De estação em estação, é a arte dos ambulantes que nos indica uma possibilidade para pensar uma economia onde nos relacionemos mais com as pessoas e menos com marcas e juros.

Faz pouco tempo que passou das nove horas da manhã e o sol já tomou a estação de trem de Bangu. O calor no Rio de Janeiro não tem estação no ano nem horário certo. A luz bate na placa escrita “Perigo Não Ultrapasse” e invade o banco onde alguém dorme um sono profundo. O banco tinha a única sombrinha que restava na estação, mostrando a tática de quem conhece muito bem aquele espaço. Do outro lado a gente olhava tentando descobrir se era realmente ele, mas só podia ser. Na real poderiam ser outros tantos milhares de moleques pretos, que usam as estações de trem da cidade como o quintal de casa. Mas o tamanho do corpo deitado e aquela maneira de se esparramar como uma criança durante o sono era a cara dele. Antes que o primeiro de nós conseguisse questionar em voz alta, ele se espreguiçou e virou a cabeça com um meio sorriso, como quem sonha um sonho bom. Caralho, é o Patric mermo! — Falamos todos

juntos no meio de gargalhadas. Era a segunda vez que a gente encontrava com ele em nossas viagens. Na primeira vez que nos trombamos foi no cinema. Estávamos falando sobre como a câmera é dispositivo para reações paradoxais. Ao mesmo tempo que gera uma inibição, que pode disparar uma hiper performatização de si. Patric chegou do nada e perguntou se a gente estava chapadão. Respondemos que sim. Ele perguntou se queríamos filmar ele indo de bicho. Não entendemos muito bem e ele foi ficando do lado de fora da porta que ia se fechando. Ficamos sem saber o que ele estava tentando nos dizer, quando do nada ele brota com seu sorriso pelo enquadramento do vidro, do lado de fora da porta. Cinema. Surfava se equilibrando em uma portinha que só existe no último vagão dos trens novos. Voltou cheio de marra.

//Maneirinho, como, o Bicho! Qual seu nome cara?// Patric. Estamos ai fortemente pesadão, vou de bicho de novo! Disse isso e saiu pela porta novamente, como aqueles jogadores que não gostam de dar entrevista, falam com a bola nos pés. //Será que eu vou até Madureira?/Não, não. Chega aí pra gente trocar uma ideia. Tem quantos anos Patric?// 15./ Tá estudando?// Tô. Tô na 8º./ Como tu teve essa ideia?// Primeira vez fiquei cheio de medo. Mas depois que fui foi maneirinho./ Vários amigos teus também fazem essa parada? Pegam Jacaré no trem?// Tá vendo./ Alguma vez já deu merda com alguém. Alguém já se machucou?// Já, pô. O menó ficou agarrado pela mochila. Escorregou do trem, bateu na placa da Supervia e morreu./ Ficou com medo não?// Nada./ Tem medo de que?// Morrer./ Tua mãe tá ligada nesse rolê?// Tá nada. Ia fica boladona, arriscado de eu cair e morrer. Mas eu sei que não acontece nada. Vou marolando. Ainda mais na onda do baseado, então, pô... Uma beleza./ Gosta de fazer o que marolando Patric?// Fuma Maconha. Fazer várias merda. Xingar esses polícia filha da puta. São tudo cuzão nessa porra, tem tudo que morrer./ Qual teu sonho Patric?// Meu sonho é ser bombeiro. Ou paraquedista./ Tá treinando então né?// Tá vendo. Chegar na hora do avião vou ter que pular né?// Tá maluco. Fico boladão. Papo de 1 minuto, 1 minuto e meio que tu fica no céu mané!// Já fiquei no céu já./ Tu já voou Patric?// Já pô. De um prédio pro outro./ Pulou da laje?// Claro pô. Já cai na outra laje bãn, pulei pra outra na sequência e sai voado. Tava fugindo dos polícia. Se eles me pegam iam me matar pô. Tava no radinho esse dia./ Tá trabalhando Patric?// Trabalho em Madureira. Já vendi bala no trem. /Fazia umas músicas boladas pra vender?// Claro pô. "Não vem que não tem..."/ Hahahahaha

// Não vem que não tem, não vem que não tem. Passageiro sangue bom, compra bala no trem./ Bolada a música. Vendia bem?// Vendia pô./ Tu faz o que em Madureira?// Entrego papel./ Cadê tá ai?// Tá pô./ Lê ai pra gente?// Fico com vergonha./ Tu que sabe, se não estiver afim de boa também./ Não, demorô. Vou ler. //

PRIMEIRAMENTE, BOM DIA, VENHO AQUI CHEIO DE VERGONHA, MAS SEI QUE A PIOR VERGONHA É MATAR E ROUBAR MAS MINHA MÃE NÃO ME ENSINOU A ROUBAR E NO MOMENTO ELA SE ENCONTRA DESEMPREGADA, PASSANDO POR MOMENTOS DE DIFICULDADES COM MEUS IRMÃOS PEQUENOS, POIS SEMPRE FALTA UM PÃO, LEITE E FRALDAS, ENTÃO VENHO ATÉ AQUI PEDINDO UMA AJUDA NÃO IMPORTA A QUANTIA OU ATÉ MESMO UM TICKET REFEIÇÃO. DEUS AJUDA A QUEM MATA A FOME DE UMA CRIANÇA. FICO AGRADECIDO.

/E o futebol Patric?// Ta rolando. Jogo na escolinha do Vasco./ É canhoto ou destro?// Canhoto claro./ Joga de que?// Lateral./ Gosta de marcar ou de atacar?// Marcar né. Mas se tiver que atacar nós ataca./ Disposição Patric?// Tá vendo. Só aqueles passes bolados./ Mas como é a escolinha. Treina lá e depois vai pro Vasco?// Isso. Depois que chega no Vasco vai treinar no Barcelona./ Quer jogar no Barça?// Claro pô. Dar uma vida maneira pra minha mãe./ Tá vivendo né, Patric? Isso ninguém vai poder dizer que tu não tá./ Tá vendo. Valeu menózada. Vou descer aqui em Madureira./ Valeu mano, É nós. Mas se liga, tu não deixou o contato com a gente pra gente marcar de te mostrar as imagens depois./ Pô, mas minha mãe vai brigar./ Não vamos explicar não pô. Queremos te mostra pra ver se tu gostou do resultado./ Demoro anota ai 99359\*\*\*\*. Ele desceu e o comentário no trem continuou.

////Carvalho, tanta gente querendo viver e o moleque arriscando a vida se pendurando no Trem. Que isso, tá de sacanagem?//// Tá vendo o moleque pediu pros cara tirar foto dele se pendurando no trem. Vai vendo.//// Hospital lotado de gente querendo viver e o cara jogando a vida fora.//// Se quisesse morrer mesmo ia formar na boca. Só no Rio mesmo!//// Se bem que outro dia um cara lá nos Estados Unidos também não invadiu a escola matando todo mundo. //// É verdade tá foda.

## 2

Meu nome seria Gabriel. Meu avô sempre quis um neto que tivesse esse nome, então minha mãe daria o nome de Gabriel ao filho. Nasci Gabriela. Mulher, a gosto e contragosto. Nomeada em homenagem ao que não sou. Querem homens, a cidade me quer homem, eu já quis ser homem. Quando criança eu invejava os corpos masculinos, tão soltos e impulsionados a viver e experimentar, e eu mais atirada e moleca que fosse introjetava inevitavelmente um monte de pudores. As calcinhas tampadas, as portas fechadas, os toques indevidos, os palavrões não ditos, as bolas longe dos pés, muitas bonecas. Queria ser menino só pra não ter medo de me machucar, eu pensava assim, esquecendo um pouco das belezas de ser menina, não entendia bem, porque eles se jogavam inconsequentes e suas brincadeiras eram sempre mais divertidas, achava que era uma coisa natural e que não tinha como entender mesmo. Me metia e estava constantemente entre os meninos, mas meu corpo tinha ainda suas travas e medos, meus peitos que começavam a crescer, pediam cuidados, e chamavam olhares desagradáveis. Menstruar me faria mulher, e eu me vi mais uma vez assustada com o corpo feminino se manifestando em mim. Circular pela cidade é ainda entender as limitações objetivas desse corpo que é tão meu quanto sujeito às crueldades da vida. A cidade me fere com seus obeliscos e falos, com suas estruturas rígidas e feitas para e pelo "Gabriel". Sigo andando na madrugada, a contra gosto de minha mãe, esperando horas nos pontos de ônibus. Colocar o corpo na rua já é em si uma manifestação.

Sempre gostei de futebol, de jogar mais que de assistir, mesmo assistindo mais que jogando. Poucas meninas se animavam a jogar futebol na escola, e jogar com os meninos requeria paciência para algumas reclamações e piadas, eu fazia não me importar, mas sei que joguei bem menos que gostaria. Gostava do nervoso que vinha de dentro quando a bola chegava no pé, que comumente acabava num chute meio espasmo lançando a bola sem muita precisão, ainda assim, e contando com o nervoso, eu tinha meus dias. Inspirada, numa

partida fiz 4 gols, sendo um contra e alguns passes errados, sempre correndo de um lado pro outro. Eu sou zagueira que nem meu pai, flamenguista também. Ele joga bola com a sabedoria de quem não aguenta mais correr com os tantos quilos a mais, eu jogo correndo com a vontade e a sede, compensando a minha pouca esperteza com a bola no pé. Muitas vidas de bonecas. Ainda assim, zagueira que me entendi, levo muita porrada, e dou aos montes no embolado do jogo, os maus olhos diriam que jogo como um menino. Foi com ele que fui a primeira vez ao maracanã, aquele monte de gente, eu mal conseguia olhar o jogo. Olhava as pessoas, as bandeiras, sempre tinha uns caras tocando surdo, os rostos, uns mais tensos que outros, os apertos e os gritos, as vezes eu via um passe antes de olhar pra arquibancada do outro lado. Nesses anos, antes do maracanã fechar pra reforma, acompanhei vários jogos, e vi o flamengo se foder mais que se dar bem, mesmo que ganhando. Voltei no maraca com meu pai, meu tio, e várias vezes com minha tia, e os primos todos. Passei a gostar mesmo de ir ao maracanã no dia que entendi que ali eu podia falar palavrão com minha família e não seria errado e eu não levaria esporro, todo mundo falava. Acompanhei mais o jogo a partir daí, esperava o gol, e PUTA QUE PARIU, CARALHO!!!! GOL!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Todo mundo se abraçava e eu gastava todos os palavrões que me vinham à cabeça, queria ir ao maracanã toda semana.

Não gosto de sentir medo, mais que isso, não suporto me colocar no lugar do medo. Mas sou mulher, e vivo na cidade. Ouço, leio e vejo, meus amigos, homens, contando e vivendo suas experiencias na cidade, seus rolés, seus corpos tão mais soltos e vibra em mim tudo que já pode, e todas as vontades que já me foram silenciadas.

No verão a água desce sem muito aviso prévio. Vem urgente, com sede de encontro.

Chovia de molhar os sapatos em 3 segundos e ainda assim eu fui impelida a sair pra rua, mesmo de tênis. Nessa chuva de susto, que nos faz parar pra ver ela passar, minha rua virou um rio, e eu lembrei que a maior parte das ruas que alagam nesse Rio de Janeiro já foram mesmo rios e que, retirados de sua existência, é quando chove que se refazem. O centro é todo assim, a Rua da Carioca, a Praça da Bandeira, rios destituídos mas que em ímpeto selvagem de tempos em tempos quando a chuva os encontra sem nem tantos milímetros cúbicos nos mostram a cara. Quando chove eu me deixo ser também, desaterro as existências e me permito ser uma a cada gota que cai. Fui chamada à rua pelos trovões que anunciavam a chuva e que como o tambor, me convidava a existir e por isso me mover. A vontade: me desproteger, despir e descobrir, tirar as roupas e as camadas, o rio mergulhando no mar ou a chuva caindo em todos os cantos e poças. Chove como todo verão mas eu não sou a mesma e me sinto mais água que nunca.

Vi minha rua retornar a rio, e junto dela, eu. Numa caminhada de uma ida e uma volta, na ida, os pés secos, na volta, encharcados.

Eu acho que toda criança ama andar de ônibus.

Atravesso a ponte Rio-Niterói quase todo dia a caminho da faculdade, já tem uns 3 anos. Ainda não cansei de ver a baía, os barcos, as gaivotas e as montanhas. Cada dia o céu é um, e acho que comecei a gostar mesmo dos céus do outono depois que esse trajeto entrou na minha vida. Pego o 371 Campo de Santana, na porta de casa, ele vai por São Cristovão e rápido chega na Leopoldina, desço ali e subo a escada pra atravessar pro outro lado. Gosto muito da Leopoldina, e da passarela que passa por cima daquele rio enrijecido e destituído do ser como tantos outros na cidade. Passando para o outro lado, às vezes paro pra olhar os carros passarem, e observar o fluxo intenso indo ou vindo para o centro da cidade. Pensei numa cena de filme ali, naquela passarela da minha vida, um cuspe em direção ao rio, e aquela parte de mim caindo naquela água morta, uma pequena morte de mim, um impulso de quase ir. São as partes que vamos deixando ao longo dos caminhos, que nos permitem reinventar e renascer. Ali venta bem, e quando chove forma poças que os fluxos de pessoas procuram desviar, dependendo do dia eu sigo mesmo o caminho delas, os pés molhados. Direto eu tenho vontade de atravessar as grandes ruas por baixo, e conseguir chegar na ponte que corta o rio, nunca tenho coragem, os carros e ônibus passam meio loucos. Pra Niterói, pego qualquer ônibus que me deixe na Rua da Conceição, antes torcia pra ter um lugar sentada, agora já tenho me arranjado nas entradas com apoios entre as roletas e a janela, o mais perto da janela possível. Volto da faculdade já de noite, todo dia, às 23h estou na Leopoldina ou Cidade Nova, pegando ônibus ou metrô, dependendo do meu humor. De 2013 pra cá peguei muito 474, 472, 277 na madrugada, a caminho de casa, Benfica, Zona Norte. Sento sempre perto do motorista, o banco mais na frente possível, o fundo do ônibus é dos homens, uma territorialidade clara, ainda mais a essa hora, só sento ali com meus amigos, que de forma engraçada não pensam duas vezes para qual lugar do ônibus ir. Minha expressão em geral é dura, o que possivelmente só parece me proteger de qualquer coisa. Todo dia, assim que entro no ônibus conto quantas mulheres, 2 ou 3, 5, 6 quando o busão passa mais cheio. À noite as ruas são deles. E toda mulher que coloca o corpo em movimento “deveria estar ciente do risco”. Eu gosto das ruas à noite, aqui perto de casa, ou mesmo no centro. As luzes amarelas e os movimentos nos bares, os encontros e desencontros. Mais ainda, gosto de ver o dia amanhecer, é mais seguro de voltar pra casa também, me prometi não andar mais de táxi, uma das formas é voltar só de manhã. Descendo do metrô Triagem e passando por cima da linha do trem já vi vários céus clareando por trás do viaduto, tem uma casa verde atrás de um terreno baldio que fica especialmente bonita a essa hora. Fico hipnotizada pela beleza sofrida de ver os trabalhadores se encaminhando para os seus serviços, acordando a cidade, descendo os rios para desaguar no mar, as reais luzes que se acendem são as dos olhos, o sistema complexo e cruel que ainda assim só sobrevive pela disposição desses corpos. Um dia nunca é só mais um dia, mesmo sendo. Seu Antônio vende tapioca na descida do metrô das 5h às 10h da manhã há 10 anos, tem seus amigos que passam todos os dias e reclamam quando ele viaja pra Paraíba visitar a família. Seu Orlando vende em horário desconhecido o hambúrguer mais barato da região, tá R\$ 2,50, já foi R\$1, eu e minha irmã catávamos moedas pela casa, gosto mais quando ele não está com o cabelo pintado e os fios brancos contam histórias. Um dia desses, depois de tantos anos de vizinhança descobri que ele é músico, e tem vários LP's gravados, um possível parceiro para o barbeiro saxofonista que chegou aqui na rua há menos tempo. Nazaré escuta pagodes na rádio enquanto trabalha, é costureira de mão cheia apesar das enrolações, mas não importa tanto se deixa o tempo do relógio de lado, o caminho até o Arará nos dias de sol me traz a infância, e o vento me contorna mais uma vez. Toda vez que escolho fazer esse caminho, estou bem. Ando minha rua no sentido contrário, de preferência na calçada oposta do hospital do exército. Atravesso um pouco antes do Prezunic, com tempo de olhar a praça, os ferro-velhos, e o movimento dos moto-táxis. O cheiro da pele queimando no sol. Na padaria

dobro à direita, e agora a oficina de costura dela está em frente à quadra, mas ficava mais pra dentro e mais perto da antiga mercearia do meu avô, Seu Ary. Querido no Arará, a mercearia na Leopoldo Bulhões, que era também casa, onde minha mãe cresceu e eu, minha irmã e nossos primos passamos as tardes enquanto nossos pais trabalhavam, é uma das lembranças vivas e pulsantes da minha criança. Toddynho, pão com ovo, os passarinhos, gatos e cachorros, máquina de cortar mortadela, ajudar meu avô no caixa era tarefa disputada, em cima do banquinho eu me sentia importante, a mangueira enorme que tinha a copa na varanda do 2º andar, as mangas jogadas no chão da rua, os picolés feitos na forma de gelo, com suco em pó e palito de dente, vendidos a 10 centavos. As novelas mexicanas, os muitos amigos, os fiados, e os cachaceiros de todo dia. Quando o tráfico mandava fechar, meu avô, que era bem quisto não fechava completamente, deixava meia portinha aberta. Meus pés podem sentir os dois pequenos degraus de entrada, azul fosco. Aquele nosso parque de diversão contava com a versão móvel da kombi bege, e volta e meia íamos com ele fazer compra na Cadeg, era o único carro em que podíamos andar na frente mesmo sem ter 10 anos, porque era antigo e não seguia as mesmas regras de trânsito, aliás as regras eram todas menos burocráticas nas cidades invisíveis do passado.

### 3

Rio Comprido, o primeiro bairro do Túnel Rebouças pra cá. As novelas eles filmam do túnel pra lá. Era assim que explicava pros meus amigos paulistas, onde é que eu vinha passar minhas férias todos os anos. Sempre de ônibus. Expresso Brasileiro, 1001, Itapemirim, Cometa. Dependia da grana e dos horários de partida. 08:30h ou 23:30h. Lembro do ônibus sem ar condicionado parar no meio da Serra pra lavarmos o rosto numa bica e comprar coco, R\$ 2 reais. Na rodoviária era R\$ 8. Hoje as empresas não param mais nos pequenos comércios a beira da estrada. Só GRAAL. Grupo Alimentício Augusto Liberato. O Gugu domina todas as paradas. Água de coco a R\$ 8 reais. Na caixinha Tetra Pack.

Sempre preferi viajar de noite, pelo calor e por não perder o dia. Durmo bem em qualquer lugar.

Da rodoviária de Osasco até a Novo Rio dava umas 6 horas, quase sempre capotava em 2/3 do trajeto. A imagem que colore minhas lembranças de chegada é o nascer do sol na Av. Brasil, um vermelho tao contrastante ao cinza paulistano que ficava pra trás. Ficou pra trás. Me mudei.

O cinza de São Paulo tá no olhar das pessoas.

Os Paulistas adoram se vangloriar da excelência em seus serviços. O olhar cinza de quem serve. O olhar cinza de quem é servido. Tentam colorir o ambiente com palavras frias de recepção. É educação, eles dizem. Bom dia Senhor.

Aqui nego tem um olhar vermelho. Tipo a aurora na Av. Brasil. A polidez não tá presente nas palavras. Lembro como os caixas de supermercado do Sendas faziam questão de raramente responder meu bom dia. Assim como os motoristas e cobradores. Respeitei tanto isso. O serviço não estava sendo feito por um serviço.

Calor pra caralho no ônibus sem ar condicionado. Motorista fritando ao lado do motor enquanto troca passagem e quase sai na porrada com um taxista. Tudo ao mesmo tempo. E eu com meu bom dia.

Boa noite pro motorista da van. 3 da manhã, Tô meio bêbado. Lapa é foda. Boa noite pra gatinha sentada no fundo. Ela sorri. Sento ao lado, confiante. A gente faz assim. Todo mundo sabe. Se ela sorri pra você é porque tá querendo. Nunca me considere um cara escroto. Mas eu não tenho que achar nada. Minhas ações me definem. Começo a fazer carinho em seu joelho. Super respeitoso pô, com a ponta dos dedos, delicado tá ligado? Ela se vira pra mim, olhando nos meus olhos.

Esse clima de conquista é muito bom.

Pera... ela não tá sorrindo

Dispara: "Tá com algum problema na mão?"

Tem o olhar vermelho.

Peço desculpas e olho fixo pra frente. Como eu posso ser tão invasivo? Que noção de dominação e posse é essa que trago enraizada em minha herança de homem branco? Quantos abusos transpiram desses homens? De mim. Quantos abusos cercam e mutilam essa mulher? E as outras que têm medo de se pronunciar: "tá com algum problema na mão?"

Bom dia pro motorista da Van. 410 descendo o Catumbi. Muita polícia travando o trânsito. O tiro comendo solto no São Carlos. Bom dia?

E o jornal resume assim:

"Segundo a polícia, 13 bandidos foram mortos no confronto que aconteceu na manhã de hoje".

Meu estômago fazia outra leitura:

13 anos. A avó geme com o menino em seu colo. A cabeça tombada, aberta, mancha de vermelho a sua saia florida. Seu irmão treme, apavorado, sentindo o frio da pele intumescida. Grita quando vê se aproximar os homens de preto, com máscaras e toucas que deixam apenas os olhos arregalados à mostra. A saliva escorre dos lábios que não conseguem se fechar, travados pelo choro incontrolado. A avó tira o lenço que lhe prendia os cabelos para tapar o rosto do neto, desfigurado pela pele flácida que se soltou perto da orelha, rasgada

pela bala. “A bala da justiça” diziam uns do asfalto.

O troféu deve ser exibido às câmeras. Tiram o corpo dos braços da velha, que tomba no chão em histeria. A camisa do uniforme é rasgada e arrancada do dorso da criança. Agora está caracterizado como bandido: bermuda, sem camisa e havaianas. Arrastam o “mais um” ladeira a baixo. As objetivas são ajustadas, clicks são disparados de trincheiras improvisadas. Os homens de preto dão uma pausa em sua marcha e expõe o “traficante” para o mundo. Olhos sedentos se agitam em torno da cena. O garoto é jogado para dentro do caveirão, e faz coro fúnebre a outros três jovens-negros-mortos.

Mais 9 vieram depois. A toque de caixa, o vermelho cresce no olhar carioca.

#### 4

Eu não sou daqui. aprendi a existir na cidade grande, no caos, na selva de pedra bruta e misteriosa. Aprendi a ter gosto por gente (é tanta, que chega a ser um milagre todo mundo viver naquela cidade). Sempre gostei de andar na rua, sou uma pessoa da casa, da toca, da concha, mas sem a rua não sou nada. Aprendi a andar rápido pela multidão, a andar com pressa, a ter pressa, prazo, hora a cumprir, a se comprometer — São Paulo me ensinou a existir na cidade. Andar, ficar esperto, ver por todos os lados, ser, reparar em detalhes. É a minha casa, e a saudade reina, apesar de ser logo ali. É a minha raiz, e como diria Itamar Assumpção, não é amor, é identificação absoluta, mas aí veio o Rio. O Rio é uma mulher linda, e demorei a encontrar com ela. Ainda é meio desconhecida. Aqui aprendi que tudo se faz na rua... Aprendi a ser o carnaval, água, vento, e tudo que flui naturalmente. Que amizade não se faz fácil, e a solidão está escondida nos olhos de cada um.

Moro na Zona Sul. Cheguei aqui trabalhando na Maré e no Leblon ao mesmo tempo. Fazia aula e ensaiava de dia, e vendia roupa pra madame no *shopping* de noite. Dinheiro rápido.... Não saía da loja até bater minha meta, acho que era uns 6.000 por dia. Você tem que interpretar, é puro teatro. Deu pra fazer muito estudo antropológico lá. Trabalhava todo dia, e domingo fazia mais dinheiro. Voltava pra casa com o 434 já quase lá pra meia noite, e o ponto em que eu descia era no cemitério, depois do túnel. Corria disparada pra casa. A rua não é mais minha quando não tem ninguém.

Gosto de morar longe do trabalho, gosto de ter que me locomover, e desse movimento casa-mundo. Engraçado, eu amo atravessar o busão lotado e encontrar um mini cantinho pra mim lá no fundo, ou andar pela Central do Brasil muito rápido pelas pessoas, como se achasse brechas entre elas, espaços pra mim, mini espaços para o meu corpo existir. Tipo um jogo, um vídeo-game rápido. Vira e mexe você esbarra em alguém, “ai desculpa”, “perdão”, mas ninguém se ouve. Falo pra mim mesma. Ninguém pisa no chão, geral anda fluando.

No busão sempre estou de fone ouvindo música. A trilha sonora é tudo, determina o meu humor desde de manhã. Indo pra Maré sempre boto um popzão, uns eletrônicos loucos, uma batida forte. Pra mim combina com a Av. Brasil, com o caos dela, a beleza estranha de cada passageiro, motorista apressado, ambulante. Eu amo o ambulante que vende descascador de legumes. Ele traz os legumes na mala, e descasca na hora, comprovando a qualidade do produto.

Muitas vezes quando tem operação, o caveirão entra pela rua do galpão. É sempre de manhã ou de noite. Os militares fazem sua coreografia de domínio da rua e pose de poder, em busca dos bandidos que lá já não mais estão. Tudo para, e logo volta. Quando tem tiro ali muito perto, todo mundo pára, e logo volta a trabalhar. Quando morre um, todo mundo pára, e depois segue sua vida. Morrem muitos, todo dia. Sempre, pelo rio todo, pelo mundo todo. A gente pára, e continua. Continua fazendo o que acredita que vale a pena, e que talvez sirva pra alguma coisa. A realidade é insuportável, e se você for parar mesmo pra olhar, você não levanta da cama todo dia de manhã.

Escolhi o Rio, e ele me ensina coisas todos os dias. Atravesso voada a Brasil em qualquer parador ouvindo minha boa Beyoncé, pra chegar na Maré e fazer aquilo que acredito que talvez sirva pra alguma coisa. Pra mim, pra cidade, pro mundo, pras pessoas, uma por uma, as que vejo trabalhando no shopping e entrando no ônibus, comendo um joelho com frescos, ou fumando crack na esquina da rua.

Tudo tem que mudar, mas se faz de pouquinho. Todo dia, toda hora, a vida toda, em todo lugar.

#### 5

Madrugada, voluntários da pátria. Estou na dúvida se ando até a praia pra pegar os ônibus que vêm de copa, ou se espero dar 5h da manhã, pra pegar o metrô. Nessa horas sempre me pergunto o porquê de não ter transporte público de madrugada, com tanta gente trabalhando e consumindo todos os dias nas noites do Centro e da Zona Sul do Rio. O pior é saber que eles fazem só quando tem muito turista aí, só pra linha 1, a linha única, no carnaval da cidade cartão postal. É sempre uma merda, e cada vez pior, chegar e sair da Zona Sul da cidade. Se não fossem as praias, os cinemas e os amores (mora lá? não, namoro lá), não teria motivo para vir, mas os cinemas de rua do meu bairro fecharam todos antes dos meus 10 anos de idade. Quando os filmes, as cervejas ou os beijos acabam depois da meia noite, é sempre ruim pra voltar. Sei que o 410 não passa mais, porque agora pega direto pelo Santa Bárbara depois do Catumbi, que escutei falar — como acho bonita a favela no morro fazendo o black power sobre a silhueta da cabeça do túnel. O 409, que pra mim é táxi, — na madrugada é igual estrela cadente, se passar faço pedido e tudo — não sei nem se vem até botafogo mais, ou se para na Lapa. Agora não posso mais pegar de ponto final a ponto final, pra tomar um banho de cachoeira no Horto. Se já estava difícil com o sumiço das cores e a mudança do número das linhas, depois os pontos do BRS, de agora em diante todo mundo que vem da Zona Norte é

obrigado a fazer baldeação pra chegar nessa parte da cidade, a parte mais privilegiada — na verdade sempre fez baldeação, trem> metrô, metrô na superfície. Haja carga no bilhete único. Se os subúrbios margeiam as linhas de trem, a zona cool da cidade margeia a linha 1 e futuramente a linha 4 do metrô. Linha única. É onde reside a cidade projetada, e onde residem os que projetam a cidade. Jornalistas, urbanistas, publicitários, artistas de berço, phds universitários. A *Globo* mora na Zona Sul e na recente Barra Olímpica. Então, tudo longe da Lagoa, das praias, ou da Lapa, (agora da região portuária), eles chamam de lá. É lá: lá onde eles não fazem ideia de como se vive, lá onde moram seus funcionários que não aparecem na TV, que não escrevem, que não atuam, que não pensam as pautas, que não anunciam, que não assinam, que não enriquecem —, lá onde eles dizem que só há violência, lá onde moram os marginais, os bandidos, os traficantes — lá onde eles dizem que o BOPE vai proteger a alguém, que não é ninguém, além deles mesmos. Então Lá, é onde mora a maior parte da população do Rio de Janeiro. Mas não vou deixar o ódio me dominar. Decidi voltar de ônibus pra ver o dia nascer.

Mais uma vez amanhecendo no ponto da praia de Botafogo, dei uma mijada numa réplica de bronze do Pão de Açúcar, entre as pistas de alta velocidade — poderia ser multado pelos guardinhas do lixo. O céu laranja está filetado em mil pedaços, no reflexo das janelas espelhadas do Mourisco. Com um olho no sol que já pinta com a sua cor o fundo do mundo sobre as grandes pedras conectadas por um fio, — sempre que olho pra Urca penso que aquele é o maior condomínio privado falsamente público, que já vi, — e o outro olho no viaduto de onde vêm os ônibus de Copa. Fico atento, pois se for 426 atravesso correndo para a pista de dentro, mais perto do shopping, mas se for 415, tenho que atravessar correndo voado as pistas mais rápidas e maiores, pra pegar o busão lá na beira da praia, onde rolou durante um tempão a roda de rima c.c.r.p. de Botafogo, antes de ser proibida pela polícia. Agora eu não sei mais se acontece ou onde acontece, mas antes de ser na praia era ali no meio das pistas do meio, perto da Farani, mas também tinha sido proibido pela polícia. As rodas do circuito carioca de ritmo e poesia acontecem em vários bairros do Estado, é uma rede social do rap, que faz um monte de gente circular pelo Rio. Meu busão chega, e corro para a pista da praia, agradeço ao motorista por me esperar, o ônibus anda, passo a roleta, bilhete único R\$ 3,80, não é noite de terça-feira, mas uma música do Mc Sabotage sempre toca na minha cabeça quando vejo as placas com as setas apontando para a >> Zona Norte, ironicamente, enquanto o filme da cidade passa em 24 violências por segundo, enquadrado pela janela do busão: na Zona Sul, maluco/ cotidiano difícil/ mantenha o proceder/ quem não conter tá fodido.

Quando olho para os apartamentos vazios dos prédios dos que têm os bolsos cheios, que moram de frente pra parte limpa da Baía imunda, olhando o cristo nos olhos, olhando aquelas salas do tamanho da minha casa, eu sempre vejo meus avós, garçom e cozinheira, eu sempre vejo mulheres limpando as grandes janelas oleosas de maresia; eu sempre vejo um jovem negro amarrado numa placa de trânsito do Aterro do Flamengo, com o pescoço preso a um cano por um cadeado de bicicleta, nu, espancado, pelos filhos dos donos do destino dos jovens negros. Passando pelas estações lembro dos artistas de rua agredidos pelos seguranças do metrô. Na Lapa são espaço-flashes: beber no gramadão, anfiteatro, sombra, descanso demora, batalhas de rima, vários baseados, galera de tudo que é galera <<<< 2016, tudo cinza, praça de guerra de um exército só, tendas do quartel nômade da Lapa Presente, o bonde não passa mais na foto, enquadrado na mol-dura->Polícia de radinho em todos os lados, trabalham para os comércios, cheios de uniformes diferentes. Daltônicos, só enxergam branco ou preto. Na praça Tiradentes a guarda lembra a grade, e no Saara eu sempre vejo jovens grafiteiros espancados por barra de ferros, pintados de tinta no corpo inteiro, sendo esculachados e filmados, expostos na *internet*, para servir de exemplo para toda juventude que picha muros no Rio de Janeiro. No trem, ambulantes fazem sua arte diária com os *slogans* mais criativos do mercado, atendem seus clientes de um jeito mais afetivo, e na maioria das vezes mais econômico. Gosto de passar a pé no meio das pistas da Presidente Vargas a essa hora, o corredor de prédios espelhados transformam tudo num mosaico. Olhando pelo vidro de trás, a Candelária na contra luz da manhã, parece uma mesquita árabe — era criança, sempre lembro da foto no jornal *O Povo*, 8 corpos a mais na conta da PM — conversa fiada. Lembro de milhares de pessoas na Avenida em junho de 2013. Tô vendo o sol subir sobre a Providência, vejo a cidade nascendo. A torre do relógio é uma arma atirada pro céu desde 1943, construída pelo Estado Novo para ser o prédio mais alto da América do Sul, com seus 136 metros deixou pra trás os arranha céus de São Paulo e Buenos Aires, sendo então a maior construção de concreto do mundo, na época, inclusive, quase 40 metros maior que sua grande inspiração inglesa, se tornando assim o Big Ben carioca. De 2016 em diante, sempre que estiver triste vou ver o vídeo que o Kadu Ori fez do dia em que pichou, pendurado nos ponteiros, o relógio da Central do Brasil. Diante desse cenário das violências, foi lá num dos lugares mais altos e vistos, deixar um aviso, no meio do relógio que marca o tempo da cidade: nossa pátria está onde somos amados. Ao invés de apagar, deviam era tirar aqueles ponteiros de lá, jogar no lixo, construir um novo relógio a partir dessa frase, um novo tempo pra criar um novo espaço, uma nova cidade.

Já na praça Saens Pena, a pé, as igrejas e as farmácias ainda não estão abertas — todas elas foram cinemas de rua que já não existem há mais de 20 anos. Cheguei a assistir filmes em algum deles. No que tenho mais contato hoje funciona uma igreja, e um bar, que tem o mesmo nome do extinto cinema, Cinema Britânia, onde bebo cerveja, maracujá, e tomo café com leite e pão com manteiga pela manhã, à noite como moela, e ostra às terças. O Cinema Olinda tinha 3.500 lugares, dizem os velhos que jogam pião, baralho e purrinha todos os dias na praça, quando eu conheci o espaço já se chamava shopping 45, e já não tinha o mesmo formato — uma vez o Bla foi lá no topo deixar o nome dele em sequência, aproveitou, deixou a planta, e alguém pegou o topo do prédio ao lado também, onde é o Bob's. Dizem que o único prédio de cinema tombado foi o América, onde hoje é a drogaria Pacheco, que é 24h, ali na Rua das Flores. Bem em frente, na outra esquina da Rua das Flores, onde existe um sebo de livros e gatos na entrada, era o Cinema Metrô, que hoje é uma Igreja Universal do Reino de Deus. Entrava muito ali para sentir o frescor do pé direito imenso com ar-condicionado, beber uma água de graça, a troco de alguns papéis e um falatório do pastor que eu não entendia nada. É bom entrar em igreja pra descansar. O cinema que eu mais fui é o Tijuca Palace, no fundo da galeria do Miguel Couto. O cinema funcionou entre 1967 e 1993, não assisti filme nenhum lá, mas invadi várias vezes pra brincar de piques na infância, e depois na adolescência, pra fumar maconha, matar aula, poder ler e ficar tranquilo. A galera roubava os cartazes dos filmes pornôns brasileiros que eram exibidos nos anos derradeiros do cinema. As salas eram grandes caixas fechadas, com cadeiras que pareciam esqueletos, e um ar de carpete pra respirar, era bonito: qualquer feixe de luz que entrava, por minúsculo que fosse, formava um grande holofote na sala. Nos fins de tarde, por volta dos 15, a gente ia lá namorar, e



assistia o filme do pôr do sol através de um buraco qualquer de luz com as imagens projetadas pela nossa paixão. Bruni, Comodoro, Rio, Roma, Art-Palácio, Esque, Santa Rita, Carioca, Santo Afonso, Avenida, Teatro Brasil, e tantas outras salas, tantos outros filmes e histórias. Os velhos que me contam com um brilho nos olhos tão forte que coloco uma tela sobre toda a praça e assisto ao filme da história de cada um deles que há 30, 40, 50, 60, 70, 80 anos atrás, viveram e conheceram um monte de gente na chegada dos bondes, na demora na praça, entre a saída e a entrada de algum filme norte-americano, francês ou brasileiro, estiveram ali, e estão até hoje, como se fosse naqueles tempos. Mas ninguém liga pros velhos, sempre lembro da minha vó falando disso. Eles dizem, isso aqui era uma maravilha, até que chegaram as obras do metrô ainda na década de 80, e todo comércio morreu de vez, inclusive os cinemas de rua, que não só na Tijuca como em todos os bairros da Zona Norte e Oeste do Rio se extinguiram quase que por inteiro, enquanto algumas raras no Centro e na Zona Sul mantiveram ativas algumas salas de rua, e todo o resto virou shopping.

Como já não tinha cinema pra me emocionar, e nem ensaio de carnaval do Sanguieiro e da Unidos fechando a Conde de Bonfim pra desfilar, o que mais me tocava, sem ser futebol, era a arte visual mais próxima de mim, a pichação. Lembro até hoje de uma das caminhadas mais triunfais da minha vida: eu e meu irmão, pescoços inclinados pro alto, olhos brilhando num dia nublado, admirando a obra de arte que o Plock tinha feito, pegando todos os prédios de mais de 10 andares no quarteirão anterior ao da praça, que começa na esquina do Banco do Brasil e acaba na esquina do Santander, em frente ao Itaú. Mais de 5 prédios gigantes e enfileirados, nenhum nome tremido, composição de efeito. Como que ignoram alguém escrever de cabeça pra baixo a mais de 20 metros de altura do chão? Pra quem nunca fez parece fácil, mas se aprende a falar ao contrário, a escalar viadutos com cordas, prédios gigantes por todo tipo de tubulação externa, janelas, vasculhantes, grades, marquises — Cipostes, inventar uma tipografia própria, e visão pra escolher lugares interessantes para encaixar tatuagens na pele da cidade. Arte democrática e marginal. Um morador da Usina, ao lado do abandonado Carrefour, deixou avisado, pichou o muro de sua casa com tinta branca e rolo em caps lock: QUEM PIXAR O LOCAL SUJEITO A LEVAR TIRO. Só quem anda de ônibus todo dia, ou a pé pra lá e pra cá, e entende os códigos desse mundo, que se entretêm durante uma viagem, olhando os diferentes nomes e recados. Na esquina da Uruguaina com a Presidente Vargas, alguém pichou lá em cima que amava Renata <3♥.

Mais perto de casa tudo é saudade. Caminho como se voltasse pra dentro de mim mesmo. Cada bairro é um mundo. Minhas idades e cidades imaginárias. Vivo a cidade visível, e existo na minha cidade invisível, construída todos os dias, pretérito do futuro imperfeito: o passado é o prefácio do futuro. Entre tantas idas e vindas, nesses caminhos, as ruas são rios que correm dentro de mim, eu sou um ônibus, um barco, um peixe. No meu Rio tem mais prédios que árvores, mas eu ainda vejo muitos seres encantados, no fundo do que acham que é só escuridão, tem muita luz.

2016

Quantos menores de idade atravessam a cidade em busca da liberdade que só a rua dá?

Dependem do transporte contando sempre com a sorte beirando muitas vezes a linha tênue entre a vida e a morte.

Vários vã o entre vãos, vêm e vão nem sempre são só com a certeza de que estão sós.

Em busca da felicidade da novela estampada em cada tela em cada tela luminosa de uma alegria à pós.

Quantos de nós percorrem o fluxo sem se dar conta de que são possíveis outros caminhos.

Formigas seguindo em linha, umas atrás das outras, onde não [se] questionar é corriqueiro. Conseguir interromper esse processo e pensar formas de relação, convivência e, sobretudo sobrevivência, é fundamental para experimentar a cidade em suas nuances mais profundas.

---

Essa é uma intervenção literária; é um recorte textual da pesquisa cotidiana que o Norte Comum desenvolve há alguns anos na cidade do Rio de Janeiro. Tudo é referência. Participaram da experiência de escrita remix coletiva: Jv Santos, Gabriela Faccioli, Dora Selva, Pablo Meijueiro, Carlos Meijueiro, Thiago Diniz e Jonas Rosa. Esse texto foi realizado a partir do convite da organização da publicação Nó em Pingo D'água — rastros de sobrevivência, que ainda será publicada. "Tudo está dito tudo está visto nada é perdido nada é perfeito eis o imprevisto tudo é infinito."